



Caderno de orientações para pais e responsáveis

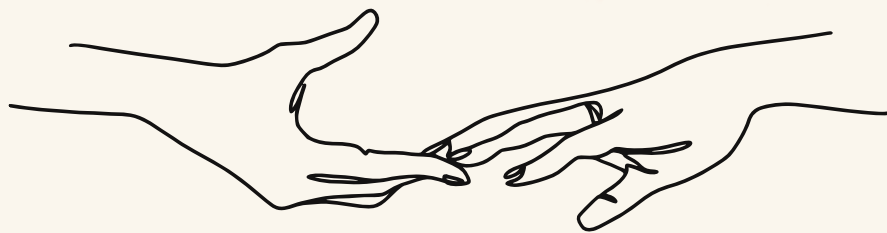
Goiânia / 2023

Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE
Projeto de Extensão "Rompendo o Silêncio"
Coordenação: Anna Carime Souza

Produção de conteúdo: Anna Carime Souza e Célia Sebastiana Silva
Diagramação: Anna Carime Souza
Revisão: Célia Sebastiana Silva

Caderno de orientações para pais e responsáveis [ebook] / Souza, Anna Carime e Silva, Célia Sebastiana. - Dados eletrônicos: arquivo PDF. - Goiânia: CEPAE / UFG, 2023. 16p. Educação Básica. Projeto de extensão "Rompendo o Silêncio".

**Contatos: rompendosilencio.cepae@gmail.com
psicologiacepae@gmail.com**



"Fica decretado que agora vale a verdade. Agora vale a vida, e de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira."

THIAGO DE MELLO

**"O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas."**

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Olá, pais, mães e responsáveis,

Diante da situação atual de violência nas escolas, muitos pais nos procuram para saber como conversar com as crianças e adolescentes ou como colaborar para que a situação amenize. Primeiramente, é preciso entender a violência como um fenômeno complexo que tem muitas causas e nuances. Dessa forma, as ações de prevenção ou de enfrentamento devem ter diversas naturezas, formas e diferentes executores. A família e a escola podem colaborar assim como toda a sociedade pode - e deve - fazer a sua parte para prevenir e enfrentar qualquer tipo de violência.

Neste texto, são apresentadas algumas orientações para as famílias, mas não quer dizer que o que aqui se apresenta, é apenas o que deve ser feito. Não há verdades absolutas sobre o assunto e nem solução mágica para um problema tão complexo. Na medida em que maior atenção se dedica ao tema na tentativa de compreendê-lo e com o objetivo de enfrentá-lo, podem ser encontradas novas ideias e formas de agir que realmente colaborem com a construção de um mundo melhor para se viver, livre de violência nas escolas, de violência em casa, de violência nas ruas, de violência nos locais de trabalhos, de violência nas áreas de lazer e de divertimento.

E é importante que tudo isso seja feito coletivamente, buscando parcerias saudáveis, aproximando família e escola no apoio mútuo frente às violências, assumindo nossas responsabilidades e possibilidades.



Para começarmos, a pergunta a se fazer é: eu conheço meus filhos? Sei de suas opiniões e de suas relações? Tenho clareza do que ele sente? Ele me relata o que o afeta? Que grau de proximidade, de intimidade e de diálogo tenho com ele?

As crianças e adolescentes estão se desenvolvendo, construindo seu próprio jeito de ser e de agir em um mundo que também muda constantemente. Com o passar do tempo, vão se transformando. A família precisa acompanhar essas mudanças, até para saber como orientar e educar naquilo que é necessário. Mas como fazer isso?

Dialogar, dialogar e dialogar. Sempre numa via de mão dupla: não apenas falar, mas também - e sobretudo - escutar.

Sobre o diálogo...

Perguntas básicas sobre como foi o dia na escola, o que tem feito com os amigos, o que tem visto nos eletrônicos a que tem acesso são muito relevantes. Mas, além disso, é preciso conhecer como eles estão compreendendo o mundo a sua volta, escutar o que pensam sobre a escola, se têm amigos e como os percebe, sua opinião e sentimentos sobre a vida e o que tem vivido.

Neste momento específico, é essencial saber como eles estão compreendendo a violência, os ataques nas escolas e as notícias a respeito. Mas isso tem a ver com a próxima dica.



Sobre a violência e os ataques às escolas, não é preciso contar os episódios acontecidos em detalhes para os filhos, mas pode ocorrer de essas informações chegarem por colegas ou por outras fontes. Dessa forma, é essencial investigar o que eles estão sabendo e o que estão sentindo sobre tais fatos. Só assim será possível ajudá-los a enfrentar o medo.



É preciso reconhecer os sentimentos e as emoções envolvidas e não negar a sua presença, mas apoiar as crianças e adolescentes a enfrentar os sentimentos mais difíceis.

O medo está presente não apenas nas crianças e adolescentes, mas também nos pais, nos adultos, pois é um sentimento humano, inclusive, de autoproteção.




Não há problema dizer aos filhos que também sentimos medo. Necessário, no entanto, deixar claro que este sentimento não pode nos paralisar. Ele precisa ser enfrentado. Não de forma violenta, obviamente! Não se combate a violência com mais violência. É necessário conversar em família e encontrar formas saudáveis de enfrentar o medo e outros sentimentos que a situação atual provoca.

Importante também explicar todas as medidas de segurança que os adultos dos lugares onde eles frequentam têm tomado, para ajudar as crianças e adolescentes a se sentirem protegidos*. Além disso, deixar claro que família e escola estão fazendo o possível para cuidar da proteção e segurança de todos.

Continua

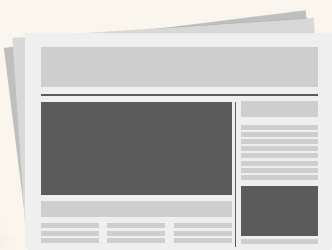
* Para saber o que o CEPAE e a UFG tem feito pela nossa segurança, acesse: <https://ufg.br/n/16842-2-ufg-apresenta-protocolo-de-seguranca-vigente-e-anuncia-reforco-no-cepae>

- 
- ✓ **O cuidado com a forma como falar com as crianças e adolescentes sobre a violência é importante, para não amedrontar, mas também para não incentivar mais violência como defesa.**
 - ✓ **Ao mesmo tempo que não podemos negar que fatos incomuns estão acontecendo, não é prudente fazer alarde e estimular o medo, nem se deixar dominar por ele.**
 - ✓ **Conversar em linguagem simples, direta, sem entrar detalhes mórbidos e sempre investigar como as crianças e adolescentes estão compreendendo a situação.**

Outro ponto importante é tomar muito cuidado ao assistir a noticiários junto aos filhos, pois crianças e adolescentes compreendem as notícias e as informações de redes sociais de forma diferente dos adultos.

Para crianças pequenas, é melhor que nem assistam. Os pais, se acharem necessário e conveniente, podem filtrar as notícias que parecem mais importantes e conversar com elas em uma linguagem adequada em outro momento que o do noticiário (se realmente houver necessidade). O melhor, no entanto, é não assistir aos noticiários com a presença das crianças, pois o que elas ouvem pode resultar em medo, confusão e sofrimento.

Já com os adolescentes, se percebermos que conseguem assistir e que estão interessados, não há problema em que assistam, mas é importante conversar sobre as notícias para ajudá-los a entender o contexto e a extensão de tudo o que está acontecendo.



Sobre a supervisão necessária da rotina, do material da escola e dos acessos às mídias:

Muito se tem falado sobre "olhar a mochila do filho", mas é preciso ampliar este conceito. Supervisionar as mochilas das crianças e adolescentes pode ser um bom hábito para os pais ou responsáveis desenvolverem, não apenas neste momento atual. O acompanhamento da organização da mochila e a verificação do que é colocado lá é importante até para ajudar as crianças a aprenderem a se organizar, no aspecto pedagógico, para não esquecerem materiais necessários daquele dia na escola e para não levar objetos que podem atrapalhar sua rotina.

Na medida em que vão crescendo, esta supervisão não precisa ser tão constante e incisiva, mas não pode deixar de acontecer. Adolescentes também precisam de revista nas mochilas e não é apenas para saber se estão com algo perigoso lá dentro, mas também para entender como está sua habilidade de organização, como estão suas atividades e produções e, de alguma forma, acompanhar o crescimento escolar deles. Não é necessário ser todos os dias, como deve ser com os pequenos, mas é bom que aconteça como rotina. Ter claro também que o acompanhamento do desenvolvimento escolar não é apenas "olhar a mochila".



Saber o que tem acontecido com os filhos na escola (e fora dela) é importante.

Quais dificuldades eles têm apresentado? Quais os seus potenciais? O que mais gostam de estudar? O que não gostam? Como é a relação deles com as professoras e os professores? E com os colegas da escola? Reitera-se a importância do diálogo constante. Mais ainda, o que a família pode fazer para apoiar a aprendizagem escolar dos filhos e o seu desenvolvimento integral?

A aproximação dos pais e responsáveis facilita o acompanhamento escolar, que é essencial para saber quando algo não está bem com as crianças e adolescentes e, dessa forma, buscar ajuda quando necessário, seja da escola e/ou de profissionais externos a ela, não apenas em um momento difícil como agora, mas sempre!

A aproximação dos pais e responsáveis com seus filhos possibilita, além disso, perceber se as crianças e adolescentes são vítimas de alguma forma de violência.

Ficar alerta com mudanças bruscas de comportamento, dificuldades constantes com alimentação e sono, isolamento, perda do interesse do que antes gostava muito, medo ou tristeza excessivos.

Cuidado! Estes sinais podem acontecer por outros motivos também, por isso é essencial escutar as crianças e adolescentes. E, principalmente, acreditar quando eles contam que são vítimas de violência. Buscar ajuda da escola ou de outro profissional da rede de proteção à criança e ao adolescente é essencial.

Outro ponto importante, principalmente em relação a esse momento de violência, é saber lidar com algumas situações recorrentemente vivenciadas em nossa sociedade: preconceito, desrespeito aos diferentes e às diferenças, racismo, machismo, misoginia, incentivo à violência como solução de um conflito, falta de diálogo, *bullying*, “chacotas”, “apelidos” pejorativos, “brincadeiras” desrespeitosas...

É importante pais e responsáveis se perguntarem: será que em algum momento estou dando este exemplo? Se não, que bom! Será que já conversei com meus filhos sobre estes assuntos? Sei o que pensam sobre eles? Já orientei sobre os valores que são importantes para a nossa família? Já conversei sobre os cuidados que precisamos ter em nossas relações, a busca pelo respeito à vida e às pessoas e por atitudes de não-violência? Se não, então vamos lá! É assim que vamos, aos poucos, colaborando com a mudança essencial para construirmos um mundo melhor.

Por fim, mas não menos importante, é preciso estar atento à afetividade, à saúde mental das crianças e adolescentes com quem convivemos. Já falamos da importância de conhecer melhor nossos filhos e filhas, mas também é preciso observar suas atitudes e comportamentos, ficar atentos a qualquer mudança repentina ou ações/reações que não são usuais. Além disso, ensiná-los a expressar seus sentimentos e emoções, de forma saudável. Falar sobre os nossos afetos com alguém de confiança pode nos ajudar a compreender e lidar melhor com eles.

Crianças e adolescentes também têm sentimentos, emoções e sofrimentos, mas nem sempre conseguem falar deles claramente. É importante aprender a nomear o que sentimos e a encontrar formas saudáveis de expressá-los. Se ainda é difícil falar, podemos usar as várias formas de arte para ajudar. E com o tempo, criar para a criança um ambiente de confiança, que respeite os afetos de todos em casa.



Em uma das músicas dos *Saltimbancos* (musical infantil, inspirado no conto "Os Músicos de Bremen", dos irmãos Grimm e musicada por Chico Buarque no Brasil) diz-se: "Todos juntos somos fortes, não há nada pra temer".

Se no mundo há tantos saltimbancos como os da peça, é preciso acreditar que a união de toda a comunidade escolar e a força de todos juntos pode ser o nosso instrumento poderoso para resgatarmos a paz nas escolas, a igualdade essencial de homens e mulheres, a coragem e a esperança de dias melhores e o combate a toda forma de discriminação, de sujeição ou de exploração.

Por tudo isso, façamos como convidam Thiago de Mello e Drummond na epígrafe dessa cartilha. Vamos de mãos dadas na busca pela vida verdadeira.

